

FLÁVIO VINICIUS CAUDURO

SEMIÓTICA E SIGNIFICAÇÃO: UMA INTRODUÇÃO

As várias abordagens semióticas que estudam o fenômeno da significação partem sempre do mesmo pressuposto: que só pensamos e nos comunicamos através de signos. Os signos verbais, e as regras para sua articulação, constituem as chamadas linguagens "naturais" do mundo. Mas existem muitos outros tipos de signos, que também possibilitam a comunicação humana, e que muitos consideram como constituindo outras tantas "linguagens", ou "sistemas de significação" autônomos.

Contudo, a partir das teorias psicanalíticas de Lacan e Kristeva, que derivam de interpretações semióticas das de Freud, fica difícil de negar a intertextualidade da significação e a interdependência entre os signos. Admite-se agora que todas as "linguagens" que o sujeito articula, para comunicar-se com o mundo e consigo mesmo, partilham de um mesmo processo imaginário/simbólico de significação, que não respeita limites taxonômicos artificiais entre os signos, estabelecendo, ao contrário, uma interdependência mútua e solidária entre eles, e que, para a produção do *sentido*, vai sempre necessitar de uma articulação de signos verbais (vide, por exemplo, Burgin, 1986, p. 51-70). Mais ainda, para os seguidores de abordagens semióticas materialísticas, não existem mais dúvidas que, em todo e qualquer ato de comunicação, a linguagem verbal e ideologia estão inescapavelmente presente, produzindo, e sendo a seu turno reproduzidos, pelo *sujeito predicante* - aquele sujeito que a significação coloca permanentemente em

juízo/processo (**en procés**), como teorizou Kristeva (1974/1984).

Por outro lado, abordagens semióticas recentes, formuladas a partir de posições pós-estruturalistas, psicanalísticas, feministas e materialistas, tem argumentado consistente e persuasivamente que análises teóricas de produtos e fenômenos culturais não podem mais ser vistas como resultado de investigações puramente desinteressadas, neutras ou objetivas de propriedades estruturais imanentes e a-históricas de mensagens; nem tampouco pode mais o **sentido** ser visto como resultado fácil de um operação mecânica de "desempacotamento" ou "decodificação" de signos pré-fabricados, para o consumo passivo de audiências homogêneas (as hipotéticas "massas").

Assim, os signos e os sentidos que obtemos não são simplesmente "pré-fabricados" e "transmitidos" pelas "formas" das mensagens, que "conteriam" as intenções de seus autores, mas sim produzidos por um processo subjetivo de significação, de interpretação de sinais, que está permanentemente sujeito à novas releituras e à novas reestruturações, portanto a novos sentidos. Uma mesma mensagem pode produzir tantos **textos** quantos sejam seus leitores; e, para um mesmo leitor, haverá tantos textos numa mensagem quantos forem as perspectivas e os enfoques que ele/ela der a suas leituras, e os momentos e os contextos em que ocorrerem essas leituras. Isso porque esses textos são o produto de um trabalho, de uma **prática significante**, levada a efeito por sujeitos posicionados heterogeneamente em termos ideológicos, históricos, sociais, econômicos e culturais.

Existem, naturalmente, regras e enfoques prescritos de interpretação de mensagens, que são inculcados por formações socioculturais hegemônicas aos seus sujeitos, o que possibilita a existência da comunicação social, do compartilhamento (superficial) de certos textos e sentidos privilegiados (ideologemas) pela maioria dos sujeitos. Mas, na medida que se aprofundam as leituras e as reflexões, o processo de constituição de sinais em signos, e o encadeamento destes em textos subjetivos, revela que cada um de nós está sujeito a, e é o **sujeito** de muitos desejos particulares inconscientes e de ideologemas sociais contraditórios, forças essas que estão constantemente ativando e dirigindo nossas significações e nossos sentidos, sejam eles óbvios, simbólicos ou obscuros. E cada vez que "achamos" o sentido de algo é porque privilegiamos algum objeto de desejo e/ou algum posicionamento ideológico, que ativa, seja reproduzindo, seja transformando, nossa subjetividade.

Semiótica, ou semiologia, como insistem em chamar os estruturalis-

tas saudosistas, é aquele campo de estudos que, na visão acadêmica de Eco (1976, p. 7), procura achar uma teoria "unificada" para explicar como signos produzem sentido. Por outro lado, segundo a interpretação irônica de David Sless, um designer que também opina sobre semiótica, "a semiótica é uma maneira de pensar - uma posição intelectual da qual procuramos entender o universo" (SLESS, 1986, p. 155). Uma interpretação mais recente, e talvez mais produtiva, em termos sociais, é aquela proposta pelos acadêmicos australianos Robert Hodge e Gunther Kress:

"Semiótica é o estudo geral da semiose, isto é, dos processos e efeitos da produção e reprodução, recepção e circulação do sentido sob todas as formas, como usados por todos os tipos de agentes de comunicação. ('Semiótico' como um adjetivo portanto se refere à gama de objetos desse estudo, enquanto 'semiose' diz respeito ao processo)" (HODGE, KRESS, 1988, P. 261).

A semiótica, como uma reflexão calculada sobre o sentido dos signos, tem estado implicitamente presente nas especulações filosóficas e retóricas, desde os tempos antigos. Como observa Eco, *"Dos Estóicos à Idade Média, de Locke a Peirce, de Husserl a Wittgenstein, sempre houve uma constante tentativa de achar uma base comum para uma teoria do sentido lingüístico e para uma teoria da representação pictórica, assim como para uma teoria geral do sentido e uma teoria para a inferência"* (ECO, 1984, p. 19).

Assim como acontece com qualquer outra disciplina que trate de fenômenos sociais, poderíamos dizer, parafraseando o que disse Williams (1988; p. 73-74) num outro contexto, que a semiótica não está especificamente preocupada com a descoberta de fatos previamente desconhecidos, mas sim com a atribuição de novas e diferentes significâncias para aquilo que já é "conhecido" - ela seria, portanto, um processo de teorizar envolvendo uma contínua reestruturação de paradigmas conceituais para a explicação de interações sociais, seus "dados" sendo sempre "fatos (re)interpretados", ou seja, o resultado de "(re)leituras" subjetivas, mas determinadas histórica e socialmente, daquilo que chamamos "realidade". Em outras palavras, qualquer que seja a escola semiótica considerada, ela não poderá jamais renegar seu caráter crítico, retórico, probabilístico, e pragmático, como antevia Peirce. Por isso, como bem colocou Kristeva certa vez,

"Como o ponto de encontro das ciências é de um processo teórico sem fim, a semiótica não pode solidificar-se como uma ciência, muito menos como a ciência, pois ela é uma forma aberta de pesquisa, uma crítica constante

que volta-se a si mesma e oferece sua própria autocrítica . Sendo sua própria teoria, a semiótica é aquela forma de pensar que, sem elevar-se ao nível de um sistema, é ainda capaz de modelar (o pensar) ela mesmo. ...

...Nenhuma forma de semiótica, portanto, poderá existir que não seja na forma de uma crítica da semiótica. Como o lugar onde as ciências morrem, a semiótica é tanto o conhecimento dessa morte quanto o reviver, com este conhecimento, do 'científico' mais (ou menos) que uma ciência, ela marca ao invés a agressividade e a desilusão que ocorrem dentro do próprio discurso científico. Poderíamos argumentar que a semiótica é aquela 'ciência das ideologias' sugerida na Rússia revolucionária [por P.N. Medvedev], mas ela também é uma ideologia das ciências'' (KRISTEVA, 1986, p. 77-78).

Como um projeto teórico explícito, a semiótica só começou de fato na segunda metade do século passado, na América, através dos escritos de Charles Sanders Peirce (1839 -1914). Na Europa, ganhou impulso só a partir do começo deste século, com a publicação das notas de aula, na versão de alguns de seus alunos, do lingüista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913). Nos círculos acadêmicos, contudo, a semiótica começou a receber atenção generalizada depois da publicação, em 1958, do livro **Antropologia Estrutural**, de Claude Lévi-Strauss, que era baseado nas teorias de Saussure e Jakobson sobre o signo lingüístico, e que originou um ramo particular da semiótica, conhecido como **estruturalismo**, muito popular na França até o fim da década de 60, devido principalmente às interpretações e aplicações peculiares que lhe deu Roland Barthes, em suas **Mitologias** (1957) e em seus **Elementos de Semiologia** (1964). Por influência dos escritos de Barthes, (1970/1974, 1970/1985, 1977) assim como de Bonsiepe (1961, 1965), do Grupo μ (1970), e de Durand (1970), entre outros, a semiótica também passou a ser associada com a retórica, principalmente ao tentar explicar a produção pragmática de signos, textos, e seus sentidos ideológicos, no domínio das interações verbais/visuais, domínio este onde ainda hoje a interpretação de mensagens publicitárias é o privilegiado objeto de estudo de muitas pesquisas.

Alem disso, graças às teorizações seminais de Jakobson & Halle (1956/1971), Benveniste (1966/1971, e Lacan (1966/1977, 1973/1979), no campo dos signos verbais, e que enfatizaram a importância das primeiras teorias psicanalísticas de Freud para o estudo do sujeito semiótico, a psicanálise está sendo considerada atualmente como um novo ramo da semiótica, como notaram, por exemplo, Coward & Ellis (1977), Burgin (1982), e Silverman (1983), entre outros.

Mais recentemente, a semiótica tem se apresentado também sob as designações "deconstrucionismo" e "pós-estruturalismo", graças aos escritos críticos do filósofo Jacques Derrida (1967/1976, 1967/1978, 1972, 1972/1982), que abalaram os modelos estruturalistas formulados na década dos 60, assim como teorias idealistas mais antigas do sentido. A semiótica também foi influenciada pelos escritos de Louis Althusser, no campo dos estudos sobre ideologia, e de Michel Foucault, no campo das relações de poder. Mas talvez seja a obra de Julia Kristeva (1969/1981, 1974/1984, 1977/1980, 1986) aquela que maior interesse desperta atualmente para os estudos da semiótica, devido principalmente às suas abordagens materialistas de questões ideológicas, psicanalíticas e poéticas.

Podemos dizer que a semiótica contemporânea, principalmente aquela influenciada por Kristeva, e interpretada segundo a ótica pragmaticista anglo-saxônica, está basicamente interessada na prática e no sujeito da significação, assim como nas diversas realidades e sentidos que são construídos por e para sujeitos históricos de formações socioculturais específicas. Ela procura explicar como os signos são articulados e interpretados, e como o sentido é produzido. Por isso, a significação, o processo, a prática, ou o trabalho de produção de sentido, é inconcebível de ser estudado "em teoria", isoladamente, sem levar em conta a materialidade do sujeito e o contexto histórico específico de seu posicionamento (SILVERMAN, 1983, p. 3), assim como não tem mais cabimento tentar achar interpretações universais absolutas e estáticas para os diversos fenômenos semióticos (como foi tentado pelos primeiros estruturalistas).

Semióticos idealistas imaginavam que os signos das linguagens naturais, assim como outros conjuntos de signos, pudessem ser vistos como sistemas fechados de diferenças (Saussure, 1916/1974), ou como redes fixas e finitas de dependências (Hjelmslev, 1943/1961, 1963/1970, 1973), ou como pertencentes a enciclopédias consensuais de signos (Eco, 1984). Mas, graças à Derrida, e principalmente pela maior divulgação dos escritos de Peirce (1931, 1940/1955, 1958/1966) pelos pós-estruturalistas, não parece haver mais dúvidas que esses sistemas são abertos, descentrados, interdependentes, e em constante transformação. Esses sistemas abertos, sem uma origem ou centro fixo, estão em constante produtividade, passando por frequentes reestruturações e modificações, uma vez que eles são inseparáveis do seu sítio material - que é o sujeito sexuado, instável e contraditório das práticas históricas discursivas da sua formação social específica.

Portanto, segundo os estudiosos materialistas contemporâneos da semiótica, o sentido não é simplesmente o resultado de uma decodificação passiva de equivalências formais entre sinais e seus respectivos conceitos, fixos e pré-estabelecidos, sob o governo implacável de um código ou *langue* prescrita e internalizada uniformemente por todos os sujeitos de uma sociedade homogênea, como pensavam os estruturalistas; nem é o sentido, tampouco e simplesmente, o produto de uma consciência única, individual, transcendental, metafísica, como ainda defendem os humanistas. Na visão dos semióticos materialistas, o sentido é o resultado de uma produção que envolve tanto a razão do sujeito consciente como, e principalmente, motivações e desejos inconscientes, o que coloca o sujeito numa procura dialética permanente pelo sentido da realidade, num processo/julgamento contínuo dos significados das representações - numa dialética onde se exasperam o regime simbólico (racional) e o semiótico (sensual e imaginário) do sujeito, conduzindo-o a constantes transformações e mudanças de posições téticas.

O ponto crucial da nova semiótica (pragmática e materialista) é a ênfase que ela dá à *praxis*, à intervenção do sujeito predicante nas representações que produzem os efeitos que chamamos de "realidade" e que, em última análise, sempre terminam por afetar as condições materiais desse mesmo sujeito.

Kristeva disse certa vez, parafraseando Marx e Engels, que o objetivo último da semiótica seria não simplesmente a explicação do mundo mas a sua transformação (KRISTEVA, 1974/1984, p. 178). Ao julgar a relevância de qualquer uma das teorias semióticas existentes atualmente deveríamos, portanto, examinar não só sobre como ela nos possibilita um entendimento melhor da significação mas, e principalmente, avaliar seu potencial pragmático, ou seja, em que medida ela estimula uma prática de crítica e mudança das representações que sustentam relações assimétricas de poder. Pois toda e qualquer teoria que não conduzir à mudanças e transformações sociais produtivas está destinada à repetir formulações abstratas, vazias e inconseqüentes de modelos acadêmicos ultrapassados.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, R. Mythologies. London : Paladin Grafton, 1973. p. 109-59
- . Elements of semiology . London : Jonathan Cape, 1967
- . S/Z. London : Jonathan Cape, 1974.
- . L'ancienne rhétorique. In : L'aventure sémiologique. Paris : Seuil, 1985. p.85-165.
- . The Rethoric of the image. In: Image music and text. Translated by S.Heath. London : Fontana, 1977.
- BENVENISTE, E. Problems in General Linguistics. Translated by Mary E. Meeck. Coral Gables, Florida : University of Miami Press, 1971. (Miami Linguistics Series, n.8).
- BONSIEPE, G. Persuasive Communication : towards a visual rhetorics. In : Up-
percuse. 5 ed. London : The Whitefriars, Press, 1961. p. 19-34.
- . Visual/Verbal Rhetoric. Ulm. 15/15/16, p. 23-40. 1965.
- . Semantic analysis. Ulm, 21, p. 33-37. 1968.
- BURGIN, V. (ed) Thinking photography. Communication and Culture, London, 1982.
- . Seeing sense, in the end of art theory : criticism and postmodernity. Communi-
cation and Culture, London, p. 51-70, 1986.
- COWARD, R. and ELLIS, J. Language and Materialism : developments in se-
miology and the theory of the subject. London : Routledge & Kegan Paul,
1977.
- DERRIDA, J. Of Grammatology. Translated by Gayatri Spivak. Baltimore,
Maryland : The John Hopkins University Press, 1976.
- . Writing and difference. Translated by Alan Bass. London : Routledge & Ke-

- gan Paul, 1978.
- . La Dessémination. Paris : Seuil, 1972.
- . Margins of Philosophy. Translated by Alan Bass. Chicago : Chicago University Press, 1982.
- DURAND, J. Rhétorique et image publicitaire. Communications, Paris, n.15, p. 70-95, 1970.
- ECO, U. A Theory of semiotics : advances in semiotics. Edited by Thomas A. Sebeok. Bloomington : Indiana University Press, 1976.
- . Semiotics and the philosophy of language. London : MacMillan, 1984.
- GROUPE, et al. Rhétorique générale. Paris: Larousse, 1970.
- HJELMSLEV, L. Language : An introduction. Translated by Francis J. Whitfield. Madison, Wisconsin : The University of Wisconsin Press, 1970.
- . Essais linguistiques II. Copenhagen : Nordisk Sprog-og Kulturforlag, 1973. (Travaux du Cercle Linguistique de Copenhagen, v.XIV).
- . Prolegomena to a theory of language. 2. ed rev. Madison : The University of Wisconsin Press, 1961
- HODGE, R. and KRESS, G. Social semiotics. Cambridge : Polity, 1988.
- JAKOBSON, R. and HALLE, M. Fundamentals of language. 2. ed. The Hague & Paris : Mouton, 1971. p. 67-89.
- KRISTEVA, J. Le langage cet inconnu. Paris : Seuil, 1981.
- . Revolution in poetic language. Translated by Margaret Waller with an introduction by Leon S. Roudiez. New York : Columbia University Press, 1984.
- . Desire in language : a semiotic approach to literature and art. Edited by Leon S. Roudiez and translated by T. Gora, A. Jardine, and L. Roudiez. Oxford : Basil Blackwell, 1980.

- . The Kristeva reader. Edited and introduced by Toril Moi. London : Basil Blackwell, 1986.
- LACAN, J. Écrits : a selection. Translated By Alan Sheridan. London : Tavistock, 1977.
- . The four fundamental concepts of psychoanalysis. Edited by Jacques-Alain Miller, translated by Alan Sheridan. Harmondsworth : Penguin, 1979.
- PEIRCE, C. S. Collected Papers. Edited by Charles Hartshorne and Paul Weiss, Volumes I-VI and by Arthur W. Burks, volumes VII & VIII. Cambridge : Harvard University Press, 1931.
- . Philosophical writings of Peirce. Selected and edited with an introduction by Justus Buchler. New York : Dover, 1955.
- . Charles S. Peirce : selected writings. Edited with an introduction and notes by Philip P. Wiener. New York: Dover, 1966.
- SAUSSURE, F. de. Course in general linguistics. Edited by C. Bally and A. Sechehaye with e Reidlinger, translated by W. Baskin. London : Fontana/Collins, 1974.
- SILVERMAN, K. The Subject of semiotics. Oxford : Oxford University Press, 1983.
- SLESS, D. In Search of semiotics. London : Croom Helm, 1986.
- WILLIAMS, R. Understanding Goffman's Methods. In: Erwin Goffman : exploring the interaction order. Edited by Paul Drew and Anthony Wootton. Cambridge: Polity, 1988. p. 64-88.

FLÁVIO VINICIUS CAUDURO - Doctor in Philosophy pelo Departamento de Tipografia & Comunicação Gráfica, da Universidade de Reading, Inglaterra; Prof. do Departamento de Comunicação da UFRGS e Prof. Orientador do Curso de Pós-Graduação-Mestrado em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS.